

O RECONHECIMENTO DAS VARIANTES LINGUÍSTICAS DOS ESTUDANTES E SUA VALIDEZ NAS SITUAÇÕES DISCURSIVAS ESCOLARES

Autora: Ângela Barbosa de Santana; Co-Autora: Adriana Barbosa de Santana Nascimento;

Co-Autora: Izabel Cristina Barbosa de Oliveira

(*SEDUC/PE, miragemstantana@gmail.com; SEDUC/PE, adrianabarbosadesantana81@gmail.com;*

SEDUC/PE, izabel_cbarbosa@hotmail.com; SEDUC/PE)

Resumo: As variantes linguísticas podem ser entendidas como processos nos quais formas distintas de fala são utilizadas no mesmo contexto com o mesmo valor referencial. A variação é inerente a qualquer língua, não compromete a comunicação entre os falantes. As variantes podem fornecer informações sobre cada pessoa: região onde vive, idade, escolaridade, classe social, etc. Trata-se de um contexto discursivo rico em possibilidades de experiências, de reflexão e aprofundamento sobre o papel da língua em variados discursos e sua dinâmica de funcionamento. No entanto, a questão das variantes linguísticas é constantemente ignorada nas aulas de língua portuguesa. E quando a variação linguística é contemplada em análises, geralmente o exemplo utilizado é aquele considerado de prestígio social, distante das variantes utilizadas pelos estudantes. Uma norma, um padrão de língua que em realidade não é uma variante, pois ninguém obedece rigidamente a todas as regras prescritas na norma padrão. (BAGNO, 2015). Porque não aproveitar as variantes utilizadas pelos estudantes como exemplificação para as análises linguísticas? Fazer o estudante perceber que contrariando o seu senso comum ao dizer “eu não sei português”, provar-lhe que “sabe sim português” e a variante que utiliza não é errada, apenas diferente, adequada em diversas situações e inadequada em outras. Infelizmente, ainda predominam diretrizes metodológicas do tipo certo\errado que usam como referência o padrão culto. (MOLLICA e BRAGA, 2004). O objetivo deste trabalho é proporcionar discussão entre alunos sobre o papel e importância das variantes linguísticas como fenômeno dinâmico da língua e propor uma abordagem mais contextualizada tomando como ponto de partida as variantes utilizadas pelos alunos. A metodologia de trabalho é focada no estudante e nas variantes que ele apresenta. Começa com o reconhecimento destas variantes, traçando um perfil linguístico preliminar de cada um através de questionário, entrevista. Segue-se então uma etapa de discussão de conceitos com a socialização de opiniões e descobertas para desconstruir o preconceito linguístico que muitos apresentam em relação a si mesmos. Ao propor aos estudantes a construção do seu próprio conceito de variante linguística e o reconhecimento de si mesmos como usuários proficientes de uma variante válida da língua portuguesa observou-se uma compreensão mais ampla e significativa do conteúdo trabalhado, maior engajamento às atividades propostas. E o melhor resultado foi: o considerável aumento da empatia na disciplina de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Variante linguística, Discurso, Língua.

Introdução

Acreditava-se que as variações linguísticas eram formas errôneas de as pessoas se expressarem, levando o sujeito usuário da variedade não padrão a ser estigmatizado. Nos últimos anos, com o avanço das pesquisas linguísticas, esta visão vem mudando de perspectiva. Atualmente, a noção de erro também vem sendo resignificada. De acordo com Marinho e Costa Val (2006, p.8)

as diferenças eram vistas como marcas de menor prestígio social ou estigmas. E nas escolas, nas aulas de português, esse pensamento era reproduzido, de forma que as noções de certo e errado, culto ou inculto, erudito ou popular, eram adotadas tal como na sociedade. Assim, os alunos eram rotulados em função de seus modos de falar.

A variação é um princípio geral e universal. As alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Os usos das estruturas linguísticas alternativas obedecem a um uso racional da língua. As variantes são sistemáticas e passíveis de serem analisadas, comentadas e compreendidas. Quando a variação linguística é contemplada em aulas de LP, geralmente o exemplo utilizado é aquele considerado de prestígio social, distante das variantes utilizadas pelos estudantes. É vista uma norma, um padrão de língua que em realidade não é uma variante, pois ninguém obedece rigidamente a todas as regras prescritas na norma padrão. (BAGNO, 2015).

Porque não aproveitar as variantes utilizadas pelos estudantes como exemplificação para as análises linguísticas? Fazê-los perceber que contrariando o seu senso comum ao dizer “eu não sei português”, provar-lhes que “sabem sim português” e a variante que utilizam é apenas diferente, adequada em diversas situações e inadequada em outras. Infelizmente, ainda predominam diretrizes metodológicas do tipo certo\errado que usam com referência o padrão culto. (MOLLICA e BRAGA, 2004).

O objetivo deste trabalho foi é proporcionar discussão entre estudantes sobre o papel e importância das variantes linguísticas como fenômeno dinâmico da língua e propor uma abordagem mais contextualizada tomando como ponto de partida as variantes utilizadas por eles.

Tirar o estigma que pesa sobre as variantes utilizadas por eles mesmos em suas situações comunicativas. Fazê-los entender que as variedades da língua são reais e concretas. O modo como ele fala é real e concreto. A norma-padrão é um ideal de língua, uma abstração. De acordo com Bagno (2015, p.201)

A língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos.

Assumindo uma nova perspectiva, alinhada com contribuições de áreas como a sociolinguística e a análise do discurso, os docentes devem buscar formas não só de expor os estudantes às variantes linguísticas, mas também de levá-los a refletir este processo linguístico que leva as pessoas a falarem de diferentes maneiras e respeitando a forma de se expressar de cada um. Destacando que não se trata apenas de uma variação, mas também de uma marca cultural, a qual reflete a identificação da pessoa.

A variação linguística não ocorre de maneira aleatória, os falantes sabem utilizar as formas nos diversos contextos comunicativos. Estas variações também podem ser frutos do processo de evolução da língua, pois as mesmas passam por modificações ao longo do tempo e se transformam.

O professor precisa estar atento e aberto às diversas ocorrências que podem surgir em sala. Cabe a este profissional assinalar as diferenças e explicar os usos em seus diversos contextos, “dessa forma ele valoriza o saber dos alunos, pois não tenta apagar as variedades de seus grupos a fim de substituí-las pela variedade padrão” (MARINHO e COSTA VAL, 2006, p.15).

1. A variação linguística

A variação linguística trata-se de um fenômeno inerente a todas as línguas em uso e aplicação. Reconhece a existência de formas linguísticas alternativas – as variantes, para contextos similares. Essas variantes são semanticamente equivalentes, ambas como possibilidades válidas num contexto determinado.

A escolha de uma ou outra variante trata-se de questões linguísticas diversas que podem estar relacionadas ao falante, ao contexto, ao receptor, ou a mensagem em si, etc. Estas questões podem muitas vezes, ser implícitas e subjetivas. As variantes linguísticas são observadas mais facilmente na fala espontânea e natural.

As variantes podem fornecer informações sobre cada pessoa: região onde vive, idade, escolaridade, classe social, etc. Trata-se de um contexto discursivo rico em possibilidades de experiências, de reflexão e aprofundamento sobre o papel da língua em variados discursos e sua dinâmica de funcionamento.

As escolas devem estar abertas às variações, como forma de respeitar e valorizar as diversas ocorrências que existem na nossa língua tanto na modalidade escrita, quanto oral. Marinho e Costa Val (2006, p.10) afirmam que as escolas devem

abrir-se para as múltiplas variedades linguísticas, uma vez que, contemplando os diferentes usos da linguagem, nas mais diversas situações, possibilitará o desenvolvimento da competência discursiva dos alunos. Cabe à escola mudar sua postura, visando saber lidar com as diferentes variedades orais e escritas da linguagem. Com isso, os chamados “erros” ou “desvios” dos alunos passam a ser vistos como manifestações de seu saber implícito e nunca como deficiências no uso da língua.

Observar as variantes linguísticas como formas diferentes, mas não menos ou mais importantes que outras, é saber orientar os estudantes rumo ao respeito a forma de se expressar do próximo; desta maneira, estes usos não serão mais vistos como um erro.

2. Variação linguística e ensino

Com relação ao trabalho docente, os professores precisam encontrar formas de ensinar os diversos contextos de uso das variantes dos alunos, a fim de auxiliá-los nas diversas situações comunicativas. Marinho e Costa Val (2006, p.21) explicam que

os alunos devem saber que seus usos linguísticos poderão ser mais ou menos bem aceitos pelos diferentes grupos sociais nas diferentes situações comunicativas. Cabe à escola possibilitar a eles o domínio do maior número de variedades, entre elas a variedade padrão, para que possam ter a possibilidade de escolha ao se expressar, com responsabilidade, nas diferentes circunstâncias de interlocução.

O professor deve combater atitudes de menosprezo, preconceito ou discriminação diante das variantes que ocorrem em sala. É impossível que não haja variações, uma vez que a Língua Portuguesa sofreu e sofre influência de diversas culturas, utilizada num território com dimensões continentais que dificultam uma unidade linguística.

Santana e Neves (2015, p.77) esclarecem que

é na escola que podemos notar uma ocorrência mais acentuada desse fenômeno [as variações], principalmente nos anos iniciais de escolaridade, uma vez que os estudantes trazem uma bagagem linguística bem mais recheada dessas variedades, e é nessa fase que se tem o primeiro contato com a língua padrão. É nesse período que o docente se vê em conflito com seu saber e sua prática, realizando intervenções que podem ser desrespeitosas e preconceituosas em relação às variações linguísticas.

O docente deve desenvolver uma postura positiva e consciente diante das variações, a qualificação é fundamental para que o professor não veja os usos com desprezo, mas sim, como uma riqueza que nossa língua carrega diante de tantas influências. Assim, ele poderá mediar a

aprendizagem dos estudantes e mostrar em quais situações estas variações podem ser utilizadas. Cabem à escola e principalmente ao professor de língua materna uma constante reflexão sobre a função da língua na vida do educando e como deveria dar-se esse ensino.

Este conhecimento só será possível com o contato e o respeito se desenvolverá à medida que soubermos contextualizar seus usos, de maneira consciente.

3. Metodologia

Para o estudo das variantes linguísticas o método a parecer mais adequado a aquisição de material genuíno e autêntico trata-se da observação, já que a linguagem é um objeto de estudo complicado: pouco se presta a experimentação, já que é uma manifestação particularmente humana, e por isso dificilmente manipulável para fins de pesquisa.

Além da observação em situações comunicativas espontâneas no ambiente da sala de aula, houve uma discussão de ideias com o tema “Variantes Linguísticas”. Seguiu-se uma enquete para conhecer as características peculiares da amostra. A enquete trata de questões relativas ao um perfil sócio-comunicativo do público pesquisado. Houve também uma entrevista gravada com os alunos. O contraste e análise dos dados ofertados por todos esses instrumentos nos permitiu traçar considerações importantes sobre o tema.

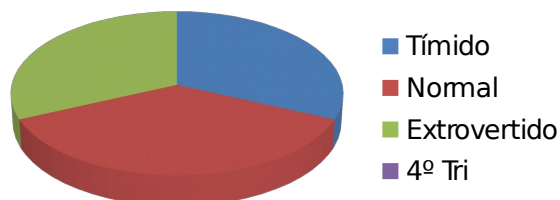
A amostra foi selecionada com método aleatório simples (público homogêneo e disponível a observação das pesquisadoras). Trata-se de uma turma de primeiro ano do Ensino Médio, da Escola de Referência em Ensino Médio Severino Farias, localizada em Surubim – Pernambuco. A amostra é composta por 42 alunos com idade entre 14 e 16 anos.

4. Resultados e discussões

Houve três atividades principais para o desenvolvimento da pesquisa. Simultânea a estas atividades acontecia a observação sistemática e contínua das interações dos estudantes, graças ao contato frequente e costumeiro com uma das pesquisadoras – professora de língua portuguesa da turma. A primeira foi a realização de uma enquete para traçar um perfil sócio-comunicativo da

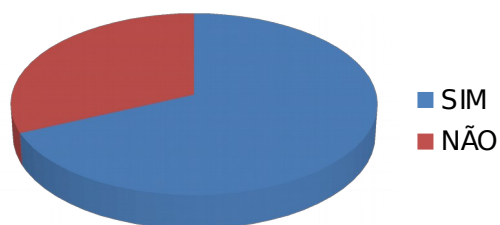
amostra. A partir das respostas dos estudantes é possível fazer algumas considerações. Apresentamos alguns dados preliminares com base na enquete, para caracterização da amostra.

Gráfico 1 – perfil



Aos estudantes foi pedido para definirem seu perfil comunicativo a partir de três parâmetros: tímido, normal e extrovertido. A maioria classificou-se como normal, ou seja, sem dificuldades limitantes de comunicação. Essa definição corresponde à realidade observada pela pesquisadora no cotidiano da turma. Os estudantes interagem tranquilamente entre si, sobre os mais diversos assuntos, sem qualquer embaraço e com riqueza de expressões e gírias o que reforça alguns estereótipos valorizados entre eles, como o cara descolado e desencanado ou a garota experiente e bem resolvida.

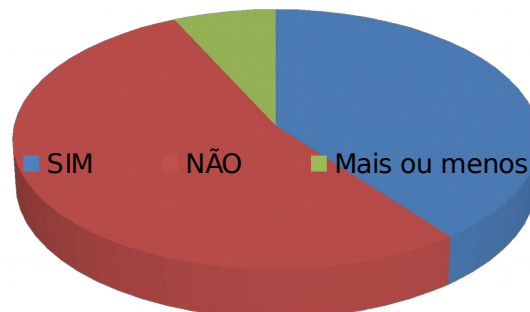
Gráfico 2 – gosta de ler



Quanto à leitura, tema imprescindível nas aulas de língua materna, a maioria disse gostar de ler. Consideraram-se aí as mais diversas leituras: desde o gibi até os livros paradigmáticos recomendados em literatura. Durante o convívio com os estudantes, percebe-se a imersão nas mais variadas leituras. Alguns se limitam a leituras rápidas como a de mensagens de aplicativos e redes sociais. Outros leem livros digitais no celular e outra parcela costuma ler livros impressos e frequentar a biblioteca.

Quando questionados sobre como se classificam diante da habilidade e desenvoltura ao utilizar a Língua Portuguesa, uma grande parcela dos alunos afirmou não ser habilidoso no uso da língua materna. Neste momento foi possível constatar o seu conceito de língua. Consideram língua, a variante padrão e por não dominar suas regras não se consideram usuários aptos. Evidencia-se desta maneira o não reconhecimento pelos estudantes de sua variante linguística como válida.

Gráfico 3 – usuário habilidoso de LP



A segunda atividade foi uma entrevista sobre interações comunicativas, na qual as perguntas abordavam hábitos e preferências dos estudantes. As perguntas foram as seguintes:

- Você gosta de ler?
- Já leu algum livro do qual tenha gostado muito?
- Você gosta de escutar música? Caso a resposta seja SIM, qual seu gênero favorito? Por quê?
- Você gosta de ver filmes? Caso a resposta seja SIM, qual seu gênero favorito? Por quê?
- Você pratica esportes? Caso a resposta seja SIM, qual e por quê?
- Você utiliza aplicativos de mensagens? Caso a resposta seja SIM, quantas vezes você acessa por dia? De quantos grupos participa?

A entrevista deu-se em sala de aula. Os alunos sentados em semicírculo eram questionados um a um. Eles acompanhavam as respostas uns dos outros. O que motivava em alguns a tentativa de exibirem-se para os demais e em outros causava uma certa timidez para expressarem-se. Neste tipo de atividade, os estudantes tendem a monitorar a própria fala. Diante dos colegas tentam não chamar a atenção ou não destoar da resposta esperada e previsível. Outros assumem uma postura exibicionista, usando frases de efeito para angariar admiração. Retiramos um exemplo para ilustrar esta afirmação:

Pesquisadora: Você gosta de escutar música?

Estudante1: Claro.

Pesquisadora: Qual seu gênero favorito?

Estudante1: Funk. A minha veia sanguínea é o funk.

Pesquisadora: Por quê?

Estudante1: Porque funk é funk... Eh... a maioria dos jovens hoje em dia escutam funk.

Estudante 2: Sê é louco véi. (Risos)

A terceira atividade realizada foi uma aula expositiva, seguida de discussão de ideias sobre variantes linguísticas. Através da exposição do tema e debate permitiu-se aos estudantes confrontar seu conceito de língua e desmistificar as noções de acerto e erro para substituí-las pelas noções de adequação e inadequação. O objetivo alcançado foi mostrar-lhes que sua variante cotidiana é válida e deve ser reconhecida como tal.

Ao propor aos estudantes a construção do seu próprio conceito de variante linguística e o reconhecimento de si mesmos como usuários proficientes de uma variante válida da língua portuguesa observou-se uma compreensão mais ampla e significativa do conteúdo trabalhado, maior

engajamento às atividades propostas. E o melhor resultado: o considerável aumento da empatia na disciplina de Língua Portuguesa.

Considerações Finais

Espera-se que este trabalho venha a conscientizar os estudantes sobre a riqueza que existe nas variações linguísticas dos falantes brasileiros. Que as formas “prestigiadas” também são um tipo de variação e que devemos saber utilizá-las em contextos adequados.

Também, observamos que o aluno começa a respeitar mais a forma do outro se comunicar, sem preconceito à medida que compreende a ideia de que existe mais de uma forma válida de se comunicar em diversas situações e que ela pode ser considerada mais ou menos adequada em determinados contextos que outras; porém não deve ser rotulada como certa/errada de se falar.

A partir das reflexões em conjunto, no ambiente escolar, acreditamos que podemos desenvolver um ambiente mais propício para o processo de ensino-aprendizagem significativo de língua portuguesa, respeitando e valorizando o falar característico de cada um. Entraves para a expressão e participação do estudante por medo de ridicularização e/ou censura do professor serão minimizados de modo significativo através dessa simples mudança de abordagem uma vez que o estudante compreenderá que a sua forma e a do outro se expressarem não mais serão vistas pejorativamente.

Este trabalho, através da discussão sobre variantes linguísticas propõe um grande desafio para a escola: não reproduzir em suas salas uma visão de língua carregada de estigma sócio-econômico-educacional. Já existem muitos estigmas aos quais os futuros cidadãos terão que posicionar-se e ressignificar na sociedade atual. Que a escola não seja espaço de reprodução de preconceitos, mas possa contribuir positivamente para a formação de sujeitos protagonistas. A começar pelo reconhecimento e valorização de sua própria linguagem.

Referências

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. 56 ed., São Paulo: Parábola, 2015.

BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 17. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

COELHO, Izete Leckuhl. (et al). **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARINHO, Janice Helena C.; COSTA VAL, Maria da G. **Varição linguística e ensino: caderno do professor**. Coleção Alfabetização e Letramento. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) **Introdução a Sociologia – o tratamento da variação**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2004.

SANTANA, Jessé O. de.; NEVES, Maria do Bom Parto F. **As variações linguísticas e suas implicações na prática docente**. Millenium, 48 (jan/jun). Pp. 75-93, 2015.